Anno 3.º — DOMINGO 9 DE JULHO DE 1910 — N.º 29

CORREIO DE VOUGA

Semanario
independente, noticioso e litterario
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc. Rua de Sá Noronha, 51 — PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO: ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO NA RUA DE S. MIGUEL N.º 36 — PORTO

Não se devolvem originaes nem se acceita collaboração que não seja sollicitada.

CARTAS D'ALGURES

Meu amigo:

Principio por transcrever uma passagem dum livro recente do sr. dr. Marnoco e Souza, eminente professor da Faculdade de Direito e actual ministro da marinha:

«*A má constituição do Parlamento provêm principalmente da pessima lei eleitoral que actualmente se encontra em vigor.*

Esta lei, permittindo ao governo fazer triumphar as candidaturas que lhe agradam, annulla todas as garantias que a acção parlamentar póde assegurar.»

Pergunto: como se explica que um homem, de tão grandes responsabilidades scientificas e que gosa de tão justificada fama de honestidade moral e profissional, caia na grave contradicção de desmentir por factos as affirmações que fez por palavras com a maxima publicidade?

Porque a verdade — a desoladora verdade—é esta: o snr. Marnoco e Souza, como ministro da corôa, vae servir-se da lei que condemnou absolutamente, como jurisconsulto, como professor da Universidade, como cidadão, como educador da mocidade do seu paiz.

Mais: o sr. dr. Marnoco e Souza, no mesmo livro a que me refiro e que tem a data de 1910, faz a apologia da forma republicana.

Transcrevamos:

«*A monarchia é um vestigio do passado, que só póde subsistir onde tem profundas raizes historicas, sem que se possam fazer em seu favor prognosticos de indefinida duração nos proprios paizes que a conservam.*

. . . . . .

A fórma monarchica contraria o espirito das sociedades modernas. Numa epocha essencialmente democratica, é necessario que o poder supremo não séja como que o symbolo brilhante da desegualdade de condições sociaes.

. . . . . .

Na fórma republicana, a eleição é uma maior garantia da capacidade do chefe do Estado, do que na fórma monarchica a hereditariedade, porque aquella é conveniente, e esta cega e fatal.

. . . . . .

Sendo admittido o suffragio universal a republica impõe-se como sua consequencia logica. A republica e o suffragio universal constituem uma mesma coisa.

Todas as monarchias que não admittem o suffragio universal não são mais do que monarchias absolutas disfarçadas, pois na realidade não existem senão duas fórmas de governo: a monarchia absoluta ou de direito divino, a republica ou o suffragio universal.»

. . . . . .

Em face d'estas opiniões claras e categoricas haverá quem tente justificar o facto do snr. dr. Marnoco e Souza ter acceitado uma pasta de ministro num governo da monarchia?

Ha. Eu não teria duvida em faze-lo, desde que me convencesse que um motivo apenas determinou a resolução do sr. dr. Marnoco: o desejo de ser util ao seu paiz.

Pela palavra e pelo livro já lhe havia elle prestado muitos serviços á custa da sua intelligencia culta e das suas poderosissimas faculdades de trabalho. Mas não estava satisfeito. Sentia necessidade de passar da theoria á pratica. Não o realisaria, declarando-se republicano, e pondo-se a trabalhar ao lado dos dirigentes do partido que pretende deitar por terra a monarchia. Portugal precisa de obras e não de palavras. Acceitava, portanto, o ensejo que lhe deparavam de dar forma ás suas ideias, de concretisar os seus planos sobre a administração do seu paiz, de formular medidas de fomento e regeneração moral.

Pela minha parte, applaudia-o, tanto mais que estou convencido de que para o resurgimento da nação se impõe, antes d'uma mudança de regimen, uma mudança d'homens.

Mas qual deveria ser o primeiro acto do sr. dr. Marnoco, para merecer esse applauso? Provar que acceitou a pasta de ministro apenas pelo desejo de cooperar na obra de regeneração da sua patria. E como o provava? Procurando realisar todas as medidas do seu programma que fossem compativeis com a monarchia, entre as quaes logicamente está a revogação da lei eleitoral, porque o programma do sr. dr. Marnoco, como homem de sciencia, que é, e não como politico, que nunca foi, consiste nas affirmações que constam dos seus numerosos livros.

Mas o sr. dr. Marnoco, sem o mais ligeiro protesto, consente que o governo de que faz parte se sirva da referida lei nas proximas eleições, para conseguir que *triumphem as candidaturas que lhe agradem, annullando todas as garantias que a acção parlamentar póde assegurar.*

Representa isto uma contradicção desoladora, porque é symptoma da grave crise moral que a sociedade portugueza atravessa.

O sr. dr. Marnoco, notavel homem de sciencia e cidadão dos mais honestos, não teve energia para impôr a opinião que exprimiu publicamente e com a convicção — estou certo d'isso — de que traduzia a verdade. Revelou fraqueza de caracter. Mas a gravidade do facto seria pequena, se elle representasse um caso isolado. Infelizmente, repete-se todos os dias, não despertando nunca um forte protesto da opinião publica. A sociedade sanciona-o e isto significa que o mal do nosso paiz já não está apenas nos politicos, mas propaga-se a todo o organismo social.

E por isso mesmo é com viva tristeza que lhe diz adeus o

Seu do coração

A. B. C.

SECÇÃO LITTERARIA

DIAMANTES E PEROLAS

Sobre uma passagem do Padre Manuel Bernardes allusiva á morte de Filippe II de Hespanha

A D. JULIO NOMBELA Y CAMPOS

O soberbo monarcha, em vasto leito
D'ebano e d'oiro, jaz agonisante;
Seu filho, que soluça, traz brilhante
Roupa de seda e o Tosão d'Oiro ao peito.

Os cortesãos de conturbado aspeito
Ostentam finas drogas do Levante,
E no annel d'um bispo roçagante
As gemmas fulgem com discreto geito.

Mas nisto, o moribundo, abrindo os olhos
Cheios de estranho, de inspirado brilho,
Arreda o lençol branco e transparente,

Mostra o seio coberto de piolhos,
E ao filho diz:—«*Vê no que deram, filho,*
«*Os diamantes e as perolas do Oriente!*»

EUGENIO DE CASTRO.

(D'*A Sombra do Quadrante*)

O pobre que arremeda o rico é tão louco como a rã quando queria egualar o boi.

— O orgulho almoça com a abundancia, janta com a pobreza e ceia com a vergonha.

— Se quereis saber o valor do dinheiro pede-o emprestado.

— De todas as dividas a mais sagrada é da gratidão.

A "ALMA NACIONAL" E O "LUAR DE JANEIRO"

(CONCLUSÃO)

Contaram-me que Anatole France, quando passou por Lisboa, disse a Theophilo Braga e a outros homens de letras, entre o queijo e a pera d'um almoço ou d'um jantar: «sois um povo de poetas»... Ignoro até que ponto o espirito complicado, semita-grego-gaulez, mas lindamente harmonioso, do auctor de *l'Histoire comique* de *Sur la pierre blamche*, de *le Mannequin d'osier* e d'outras nobres creações d'alta arte e d'ironia, foi sincero no seu dizer, se acaso Anatole France, que, segundo Nicolas Ségur, «naquit privé de cette salutaire faculté d'illusion qui expose les humains aux multiples tromperies de la nature», pode e sabe ser sincero, no sentido conselheiral, petraviana, do termo. Mas sincero ou só amavel ou quiçá um pouco ironico, Anatole France acertou; Portugal é na verdade uma nação de poetas, desde o tempo de Nunalvares, poeta da arte da guerra, do Infante D. Henrique, poeta do mar incognito, do rei D. João 2.º, poeta da diplomacia, de Camões, poeta da patria, até ao de João de Deus, poeta... da poesia. E' mister que os educadores da gente portugalense tenham em vista este facto: tudo quanto em Portugal é forte e bello e grande enraiza no poetismo constitucional da raça.

Por isto apoio o feitio vibrante e enthusiasta da *Alma Nacional* em que Antonio José d'Almeida se revela mais uma vez um educador poeta, francamente portuguez, e a liguei na epigraphe exquisita d'estas notas ao bello *Luar de Janeiro* em que Augusto Gil se mostra um poeta educador, nobremente nacional.

Recordemos, leitor heroico, alegrando as nossas mentes cançadas pela minha prosa monotona e ás vezes triste, trechos do livro citado, começando pelo principio, por estes versos que lembram feixes de luz refractada por lascas de gelo ou crystal:

«Luar de janeiro
Fria claridade.

A' luz delle foi talvez
Que primeiro
A bocca dum portuguez
Disse a palavra saudade...»

. . . . . .

«Luar dos poetas e dos miseraveis,
Como se um laço estreito nos unisse,
São similhaveis
O nosso mau destino e o que tens...
De nós, da nossa dôr, a turba—ri-se
—E a ti, sagrado luar... ladram-te os cães!»

depois, paremos um pouco na leve *Ballada da neve*, tão rica de commoção e piedade portuguezas:

«Batem leve, levemente
Como quem chama por mim...
Será chuva? Será gente?
Gente não é certamente
E a chuva não bate assim...»

. . . . . .

«Fui ver. A neve cahia
do azul cinzento do ceu
Branca e leve, branca e fria...»

. . . . . .

«Olho-a atravez da vidraça.
Poz tudo da côr do linho.
Passa a gente e quando passa
Os passos imprime e traça
Na brancura do caminho...

Fico olhando esses signaes
Da pobre gente que avança
E noto, por entre os mais,
Os traços miniaturais
Duns pésitos de creança...
E descalcinhos, doridos...
A neve deixa inda vel-os,
Primeiro bem definidos,
— Depois em sulcos compridos,
Porque não podia erguel-os!...»

. . . . . .

e, emfim, gosemos a forma esculpturalmente sensual, tão arabe-peninsular, de *Quando as andorinhas partiam...*:

«Bocca talhada em milagrosas linhas,
A luz augmenta com o seu fallar.

Esta manhã um bando de andorinhas
Ia-se embora, atravessava o mar.

Chegou-lhes ás alturas, pela aragem,
Um adeus suave que ella lhes dissera,

—E suspenderam todas a viagem
Julgando que voltára a primavera...»

Isto consola e alenta. Na educação a fazer da boa gente portugueza cabe aos poetas de raça um alto e nobre papel. E não será novo nem raro que um povo asyntonisado e cahido como o nosso se levante unido e forte ao appelo dos seus poetas.

Portanto, senhores poetas, senhores Guerra Junqueiro, Affonso Lopes Vieira, Augusto Gil, alguns mais, accordae o sentimento deste povo lethargiado! Ensinae-lhe estheticamente, pelo processo superior em que a verdade sentida se impõe pela fórma bella, o goso phisiologico de sentir melhor e mais! Levantae esta nação, este «bello paiz do sol» como lhe chamou Michelet, d'este sol maravilhoso, mais bello do que o sol francez em cuja apotheose chid o genial cabotino que se chama Edmond Rostand poz no bico de Chantecler:

«*Gloire à toi sur les prés! Gloire à toi dans les vignes!*
Sois beni parmi l'herbe et contre les portails!
Dans les yeux des lézards et sur l'aile des cygnes!
P' otoi qui fais les grands lignes
Et qui fais les petits détails!»

. . . . . .

José de Lacerda.

(Da *Alma Nacional*).

Contrahir dividas é o mesmo que fazer os outros arbitros das nossas acções.

—Antes vos deiteis sem cear do que vos levanteis com uma divida.

—Uma mulher boa é mais rara que um corvo branco.

—A mulhar é mais amarga do que a morte.

—A paciencia é a chave da alegria; a precipitação a do arrependimento.

Trechos selectos

O ABSURDO DA GUERRA

A guerra é—diz-se—uma sciencia. A que fica reduzida essa sciencia? A uma coisa infantil. O que o conflicto russo-japonez nos prova é que a guerra não é na realidade a sciencia de destruir, mas a sciencia de ser destruido. Quanto saber e quanto engenho para construir um couraçado! O navio de guerra moderno resume um grande numero das mais bellas conquitas da sciencia. Que pequeno saber e que parco engenho é preciso para simplesmente lhe pôr por baixo uma mina! O navio de guerra é a ultima palavra da scienciá e a demonstração mais viçosa do seu triumpho. A mina que é, afinal? A mina é a polvora, que os homens conhecem desde a batalha de Crécy. O navio de guerra passa óvante, com o seu vasto arcabouço couraçado d'aço e as suas torres blindadas,—formidavel de resistencia e de força. Subito, ouvesse um estalido, depois outro; depois, um tremendo fragor. O navio de guerra desconjunta-se, descola-se, abre ao meio e, num minuto, afunda-se. Que é?—E' a mina. Perdeu-se um immenso esforço, dissiparam-se sommas fabulosas, compromettteram-se centenares de existencias, e o fim unico d'esta obra de orgulho e de sacrificio malogrou-se completamente.

Não é já a guerra, portanto, que apparece inutil: são os seus instrumentos. Depois das terriveis demonstrações do Extremo-Oriente, não se sabe já como fazer a guerra, tão comprovadamente inefficazes apparecem os seus engenhos, como inefficazes são o genio dos chefes e a bravura dos soldados; e por não saber já como fazel-a, é que os povos a estão fazendo pela destruição em massa, que deixou de ser a guerra para passar a ser—o homicidio collectivo.

Oppoz-se a couraça á bala. A bala é inutil: um combate naval é uma partida de *laun-tennis*. O alcance das espingardas augmentou espantosamente. Leva-se a morte ás mais consideraveis distancias. A artilharia de campanha dizima regimentos inteiros. A artilharia de sitio é um flagello. De Porto Arthur, dizia, ha dias, um official: «Tem-se a impressão do inferno».

A estes progressos destruidores, que nenhum progresso novo podia já ultrapassar,—porque as couraças attingiram o seu maximo de resistencia, as balas o seu maximo de penetração, as espingardas e os canhões o seu maximo de alcance—havia que contrapor o quer que fosse decisivamente exterminador, e sobreveio, então, o explosivo. Minou-se a terra, minou-se o mar, e tornou-se inutil a marinha, o exercito inutil. Já não são precisos, porque todo o combate cessou. Esta reflexão estão seguramente fazendo a esta hora as nações e os povos, e assim, com effeito, os progressos da guerra estão conduzindo ao fim das guerras. O homem descobriu felizmente um meio de se exterminar sem gloria; e acabar com a gloria militar é acabar com a guerra.

. . . . . .

JOÃO CHAGAS.

Retrato de Tiberio

. . . . . .

No seio do mar de Napoles, e defronte das costas da Campania, erguia-se Capréa, prisão por fóra e asylo de delicias por dentro. Na corôa do seu alcantilado rochedo descobriam-se os tectos e eirados das doze casas de recreio construidas por Tiberio em memoria dos doze deuzes superiores do Olympo. Bellos edificios thermaes, aqueductos, e arcarias ligavam os valles com a montanha.

N'este recanto aprazivel, resguardados pelo mar dos tumultos do continente, e cobertos dos rigores das estações pela grande muralha do monte Solaro, buscaram silencio e tranquillidade alguns dos senhores do mundo. Augusto habitou-o quatro annos. O filho de Livia escolheu-o para cidadella das suas crueldades. Nero não se esquecia de o visitar frequentes vezes.

A sensualidade romana era habil em acommodar as formosuras da natureza aos seus deleites. Nero cavou os seus banhos na famosa gruta, que os viajantes admiram em Capréa, fazendo entrar as aguas salgadas por conductos subterraneos.

No tempo de Tiberio escarpadas rochas fechavam o accesso da ilha por toda a parte; e no unico sitio, aonde se desembarcava, sentinellas vigilantes tomavam o passo, não deixando que ninguem se aproximasse da residencia do principe, sem licença.

Este, ao menos, não ouvia ali a surda, mas ameaçadora voz do povo, que o assustava em Roma. O clamor das victimas não lhe purturbava o somno. Seguro e invulneravel atraz d'estas rochas inexpugnaveis deixou de temer, e ousou tudo.

Se alguns patricios, curvos de lisonjas, iam procural-o e arrastar-se aos seus pés, a maior das affrontas pagava a adulação. Apalpados á chegada como suspeitos, quando dobravam os joelhos perante Cesar, já vinham ultrajados com a busca dos soldados!

Mas não nos prendamos com as precauções minuciosas, de que a desconfiança se rodeava. Penetremos sem receio por entre os guardas e espias, e vamos encarar o tyranno nas delicias do seu desterro voluntario.

Aquelle velho disforme, com o rosto meio comido de ulceras, meio remendado de emplastos, calvo, curvado, de olhos ferinos, e halito fetido; repugnante, taciturno e altivo—aquelle homem gasto e cansado de devassidões monstruosas e occultas, que está recostado á mesa questiona, sordido de embriaguez, no meio dos grammaticos sobre a côr dos cabellos de Phebo, ou ácerca da edade dos cavallos de Achilles—aquella figura sinistra, que a hediondez e os vicios assignalam pela sua expressão sinistra—é Tiberio!

Ao seu lado acha-se Thrasyllo, poderoso no animo do imperador pelo medo que lhe infunde em nome dos astros.

Desprezador das leis divinas e humanas, e alardeando impiedade e escarneo em pontos de crença religiosa, o enteado de Augusto, como todas as almas fracas, unia a superstição do atheismo. Quando o trovão estalava e os raios fuzilavam cobria a cabeça de louros para afugentar a tempestade; e desafiando o poder de Deus, cedia como uma creança aos signaes imaginarios das estrellas, permittindo tudo ao astucioso grego, que fingia ler nos céos—no livro sublime, que a Sabedoria eterna cerrou aos homens!

Os deleites asquerosos, e as torpezas mais abjectas acabaram de lhe esgotar as forças, e a decrepidez apressou-se antes da edade. Quanto a devassidão requintada, e a obscenidade podiam inventar, tinha-o elle realisado nos seus harens secretos. Para se formar ideia da depravação a que Roma tinha chegado é preciso luctar com o pejo, e seguir em algumas paginas de Tacito e de Suetonio as descripções espantosas, que ultrajam o pudor, e pareceriam traçadas pela calumnia se o testemunho de tantas victimas e de tantos depoimentos as não confirmasse!

Igual em todas as cousas, Tiberio até se excedeu a si nos vicios sensuaes! Levantando-se dos praze-

NOTICIARIO

Professora de bandolim—E' a segunda vez que temos o prazer de nos referirmos á sr.ª D. Alice R. Santos, natural de S. João de Loure, mas residente em Lisboa, Calçada do Monte, 63. Fazemo-lo hoje, para dirigirmos á talentosa professora de bandolim os nossos mais cordeaes cumprimentos pelas altas classificações que obteve nos exames que acaba de fazer, cumprimentos estes que são extensivos ao seu extremoso pae que tem feito todos os esforços para lhe dar uma educação esmeradissima.

Pela imprensa—Principiou a publicar-se em Aveiro um pequeno semanario academico, intitulado *A Verdade*. Muito estimaremos que dure muito tempo e nunca esqueça nem deshonre o nome.

—Suspendeu a sua publicação o semanario «A Vida», jornal anarchista que se publicava no Porto. A substitui-lo, reappareceu a «Aurora».

—Entrou no 7.º anno da sua publicação o nosso collega de Arouca *A Voz de Portugal* de de que é proprietario e director o sr. Antonio Alexandre d'Oliveiga a quem enviamos cordeaes cumprimentos.

Instrucção Primaria—Foi nomeada professora ajudante da escola de Agueda de Cima a sr.ª D. Maria Candida Guedes Pinho a quem enviamos muitos cumprimentos.

— Foi creada em S. Bernardo, Aveiro, uma escola do sexo feminino.

Conde d'Agueda—Com a queda do ministerio progressista, pediu a sua demissão de governador civil de Aveiro o nosso illustre amigo sr. Conde d'Agueda.

Seria ocioso dizer que s. ex.ª prestou a todo o districto relevantissimos serviços. Tem direito, por isso, á gratidão dos povos que administrou. Consola-nos saber que lhe tem sido feita justiça. Pela nossa parte, embora não representemos na imprensa o seu partido—porque o nosso jornal é politico, mas não partidario—, associamo-nos a todas as manifestações de sympathia em sua honra, julgando cumprir, d'este modo, um dever.

Não sabemos esquecer que s. ex.ª se interessa a valer pelo progresso d'esta terra que lhe deve os melhoramentos com que ultimamente tem sido dotada.

Exames—No lyceu de D. Munuel II, do Porto, fez exame de admissão á 3.ª classe, obtendo uma bella classificação, o menino Manuel d'Almeida, sobrinho do nosso presado amigo e distincto alumno do Instituto Industrial Commercial d'aquella cidade sr. Alfredo da Cruz Nordeste, natural d'Aveiro.

—Na escola da Borralha (Agueda), de que é distincto professor o nosso presado amigo sr. Joaquim de Mattos Alla, fizeram exame do 1.º grau 11 alumnos, ficando 3 com a classificação de—optimos, 6 com a de—bom e 2 com a de—sufficiente.

Por tão brilhante resultado, enviamos os nossos mais cordeaes parabens ao sr. Mattos Alla, justamente considerado como um dos melhores professores do districto.

Moedas de 100 reis—Vão ser substituidas as moedas de nikel de 100 reis em circulação por outras de prata do mesmo valor.

Auctoridades—Foram nomeados, respectivamente governador civil e administrador d'Aveiro, os srs. dr. Vaz Ferreira e Gaspar Ignacio Ferreira, alferes de infantaria 24.

D'Alem-Mar—Recebemos, ultimamente, noticias do nosso presado amigo sr. Domingos Tavares da Silva Junior, natural da Azurva, mas residente em Manaus (Brazil) onde é considerado commerciante.

Está de saude, o que sinceramente estimamos.

—Recebemos o 3.º relatorio da Associação dos Empregados no Commercio de Amazonas, elaborado pelo seu digno vice-presidente em exercicio sr. José Nunes de Lima a quem agradecemos a gentileza da offerta.

Eleições—Segundo já annunciam as gazetas, são os seguintes os candidatos da colligação monarchica por Lisboa nas proximas eleições: pelo circulo oriental, Ivens Ferraz Silva Amado, Mathias Nunes, Manuel Duarte e Affonso Vargas; e pelo circulo occidental, Lecocq, Alvaro Chagas, Mazioti, Paiva Couceiro e Rodrigo Pequito. Por Setubal, os srs. Fernando de Sousa, Manuel Luiz Fernandes e Ramada Curto.

Julgamento d'imprensa—Em tribunal collectivo foi julgado hoje o sr. Meira e Sousa, director do *Paiz*. Por ser reincidente, foi condemnado a quatro mezes de prisão correcional e 20 dias de multa a 500 reis e custas e sellos.

D'ALÉM-MAR

Manaus, 22-6-910

O *Correio da Noite*, de Lisboa, publicou uma correspondencia em que se pretende depreciar o illustre consul portuguez sr. dr. J. A. de Magalhães.

A inveja é que faz fallar. E' apenas um acto de justiça, por parte de todos os portuguezes residentes em Manaus, prestar homenagem ao illustre representante de Portugal que tem sabido honrar o nome do seu paiz, fazendo respeitar os direitos e os interesses legitimos dos seus patricios.

Pela minha parte, protesto contra a referida correspondencia e contra tudo que tiver por fim desprestigiar o illustre consul de Portugal.

Já que vem a proposito referir-me-hei tambem á campanha que o sr. Manuel Jacintho da Camara tem sustentado nos jornaes, contra o zeloso funccionario.

A attitude do sr. Camara é antipathica, porque é determinada pelo despeito, aliás injustificado.

O caso é simples. O sr. Camara pretendeu que o consul lhe reconhecesse uma procuração. Este, cumprindo a lei, não deferiu o pedido. D'ahi todas as iras. Para vêr que o sr. Camara não tem razão, basta dizer que elle não está matriculado e que o Edital do consulado de Portugal diz no seu artigo 22—«Não se passará acto algum na chancellaria consular a favor d'um subdito portuguez, residente no respectivo districto, sem que este se ache devidamente matriculado.»

Sobre este assumpto escreve o sr. Ivo Jesué no brilhante diario *Echo Luzitano* de que é director:

«Consta-me que alguns individuos da colonia portugueza andam por ahi, ludibriando a bôa-fé dos compatriotas dignos, incapazes de concorrerem para o despretigio do seu illustre consul, apresentando-lhes um documento qualquer, para assignarem, sob o pretexto de que nelle se encerra um elogio ao distincto funccionario, quando é o contrario. Desde já protesto contra a infamia e prometto fazer em numeros consecutivos do *Echo Luzitano* revelações importantes, desmascarando os auctores».

Por telegramma, soube-se que o illustre consul foi agraciado com o titulo de commendador, registando o *Diario do Amazonas* o facto com palavras muito elogiosas para o sr. dr. J. A. de Magalhães e para o governo portuguez.

Toda a colonia portugueza tem obrigação de se associar a esses elogios. Pela minha parte, faço-o com muito prazer e convencido de que cumpro um dever.

—No theatro Amazonas, houve, no dia 23 do mez passado, uma scena de pugilato entre o sr. dr. Santa Cruz, director d'*A Noticia* e o sr. Pericles de Moraes, redactor do *Jornal do Commercio*.

O sr. Pericles de Moraes desaggravou-se d'uma offensa á sua honra pessoal. O seu acto tem sido muito elogiado.

—Os estudantes Amazonenses, em 25 do mez passado, foram em grande numero a diversas redacções, protestando contra a Argentina, pelo facto do pavilhão brazileiro ter sido desrespeitado nesta republica. Tentaram ainda dirigir-se ao consul, o que não realisaram, porque a policia se oppoz.

—Estiveram muito concorridos os festejos do *Corpus Christi*. Como de costume, sahiu uma pomposa procissão.

—Foi esmagado por um bond, no dia 6, o sr. Antonio Monteiro, natural do Porto (Portugal).

O infeliz tinha 15 annos e era empregado do commercio.

Annibal C. F. Paiva.

ALGODÃO ARTIFICIAL

A industria moderna, sujeita á influencia dos Estados Unidos para a acquisição do algodão, começou a pensar na forma de obter, com qualquer producto barato, um algodão artificial. E, tanto pensou, que conseguiu falsificar o algodão, substituindo-o por um producto semelhante.

O algodão artificial é fabricado com cellulose extrahida do pinheiro despojado da casca e dos nós. Os pinheiros são cortados em toros d'um metro de comprimento e depois submettidos á acção do ar quente munidos de poderosos ventiladores. Logo que a seccagem se effectua, lança-se a madeira em recipientes onde se faz o vacuo; então, a seiva resinosa exsuda, constituindo, depois de recolhido, um sub producto de grande valor, que diminue numa certa proporção as despezas do fabrico do algodão. Os troncos seccos e privados da seiva passam para tambores dentados, que separam e dilaceram as materias tegumentares. Estes constituem uma boa pasta de papel.

O lenho propriamente dito sof-

fre, noutros recipientes, um forte movimento de rotação que separa as suas fibras, reduzindo-as a uma especie de feixe de filamentos lenhosos sem cohesão alguma. Uma machina especial reduz em seguida as fibras a pequenas laminas de alguns millimetros de espessura. Estas laminas são lançadas a um grande cylindro horizontal de 100 metros cubicos de capacidade. Apenas este apparelho, que é de cobre e revestido interiormente de chumbo, está carregado, introduz-se-lhe vapor de agua por meio de um tubo que se abre na base. Esta operação prolonga-se durante dez horas; depois, lançam-se-lhe 60 metros cubicos d'uma lixivia de base de bi-sulphato de soda, e aquece-se sob a pressão de 3 atmospheras durante 36 horas.

Apoz este tratamento, a matoria apresenta-se branca. Segue-se uma primeira lavagem e uma trituração por meio do movimento d'uma réde de fortes malhas metallicas. Uma nova e grande lavagem, o branqueamento pelo chloreto de calcio e uma forte pressão entre dois poderosos cylindros reduzem a massa a uma cellulose pura. Esta é introduzida num autoclave onde é aquecida e tratada por uma mistura de chloreto de zinco, de acido chlorydrico, de acido nitrico e de pequenas qualidades de oleo de ricino, de caseina e de gelatina. Este ultimo tratamento é destinado a dar maior resistencia ás fibras. A massa pastosa, assim obtida, é finalmente introduzida numa machina especial onde um embolo a comprime e a obriga a passar por uma fieira que a reduz a fios, rapidamente endurecidos pelo contacto do ar. Estes fios passam ainda por uma tela gommada, por uma solução fraca de carboneto de sodio e por dois cylindros seccadores. Dois ultimos banhos, um de agua ammoniacal e outro de agua fria, completam o tratamento e dão ao fio a solidez necessaria para a fiação.

Por mais complexo que pareça este tratamento, é ainda muito mais simples que o da lã. O processo operatorio é, mesmo, economico, e permitte luctar vantajosamente com o algodão natural.

Os dois productos, o natural e o artificial, em tecido, são d'uma difficil distincção. O algodão de pinheiro é leve, resistente e eminentemente apto para substituir em todos os usos o algodão natural. Constitue, pois uma industria nova de grande futuro, que terá como consequencia uma melhoria economica na industria europeia e com abaixamento de interesses no norte americano.

Lector.

ABC Illustrado

POR

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

Leituras amenas

Pobre coxo!

Um individuo era casado com uma mulher de muito mau genio, teimosa e senhora da sua vontade. Uma noite apenas havia tres ovos para a ceia; vão para a meza, e a mulher diz para o marido:

—Ouviste, olha que só ha tres ovos, eu como dois. O marido nada respondeu e foi comendo o seu ovo; porém, quando viu a mulher distrahida, tirou o outro e comeu-o. Quando a mulher reparou que o marido tinha comido os dois ovos, foi tão grande o accesso de colera que soffreu um ataque de catalepsia e o marido julgou que ella tinha morrido.

No dia seguinte a mulher conserva-se ainda em estado cataleptico. O marido convida os seus amigos para o enterro da mulher. Um dos convidados era coxo.

Chegam ao cemiterio, e na occasião de abrirem o caixão para lhe deitarem a cal, o ar fresco reanimou a mulher; ella porém ainda tinha a ideia fixa nos dois ovos, de repente senta-se no caixão e com os olhos esbugalhados e voz rouca grita:

—Eu como dois.

Todos os convidados se puzeram em debandada e corriam a mais não poder; o coxo, porém, que não podia correr ia gritando: —Ai! o que será de mim e mais outro. Julgava que a mulher queria comer dois homens.

Calculos macabros

Um astronomo francez occupou os seus ocios em calcular o peso e o volume de sangue derramado nas guerras, que, ha trinta seculos, tem devorado a humanidade. A titulo de curiosidade vamos dar os resultados por elle obtidos.

Avaliando em 1.200:000$000 nos trinta seculos o numero das victimas da guerra, e isto sómente nos paizes civilisados, o sangue destas victimas mediria 18:000$000 de metros cubicos e attingiria o peso de 18:000:000$000 kilogrammas. Cada hora da historia destes 30 seculos teria pois visto correr 680 litros de sangue.

Mais extraordinario é o seguinte: se os esqueletos destes 1:200 milhões de victimas se erguessem uns sobre os outros, pelos seus respectivos extremos, attingiriam a lua, ultrapassal-a-iam, e, continuando a sua ascenção, elevar-se-iam ainda quatro vezes mais alto nos espaços sideraes.

Toda a correspondencia déve ser dirigida para o director do jornal—R. de S. Miguel, 36—Porto.

NOTICIAS PESSOAES

Estadas

Está entre nós desde sexta-feira o nosso presado amigo e conterraneo sr. Jayme Saldanha, habil e muito considerado ourives no Porto para onde tenciona voltar na proxima segunda-feira.

—Estiveram, ultimamente, em Aveiro, os nossos amigos srs. dr. Arthur Marques Figueira, Duarte Mendes da Costa, José Maria Marques Figueira, Avelino Dias de Figueiredo e dr. Caetano Tavares Affonso e Cunha.

—Esteve, ha dias, no Porto o sr. dr. Jayme de Magalhães Lima, distincto escriptor e dignissimo director da agencia do Banco de Portugal em Aveiro.

—Com sua ex.ma familia, esteve em Condeixa, de visita ao sr. Manuel Ramalho que está bastante doente, o sr. conselheiro Luiz de Magalhães, notavel escriptor e illustre ministro de Estado honorario.

—Está em Vidago a sr.ª D. Maria da Conceição Lemos de Magalhães, extremosa esposa do sr. conselheiro Luiz de Magalhães.

—Vindo de Coimbra, encontra-se entre nós o sr. Dr. Diniz Severo Correia de Carvalho que, como no ultimo numero noticiamos, concluiu, este anno, com muito brilho na Universidade de Coimbra, a sua formatura em Medicina.

Aproveitamos a occasião para lhe enviar os mais cordeaes parabens, desejando-lhe na vida pratica muitas felicidades.

Anniversarios

Fez annos na ultima quinta-feira a sr.ª D. Alcina Mourão Gamellas, a quem pedimos licença para apresentar os nossos mais respeitosos cumprimentos.

—Com um affectuoso abraço, felicitamos tambem o nosso presado amigo e distincto estudante do 7.º anno dos lyceus sr. João Nepomuceno Pestana Girão, cujo ánniversario natalicio passou ha dias.

Doentes

Passa incommodada a esposa do nosso presado amigo e conterraneo sr. João Baptista Pereira Saldanha, digno empregado da contrastaria do Porto. Desejamos as suas melhoras.

—Tambem passa muito incommodada a sr.ª D. Balbina Correia, avó extremosa do nosso amigo e conterraneo sr. dr. Diniz Severo Correio de Carvalho. Fazemos sinceros votos pelas suas melhoras.

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Lisboa, 6

No ultimo domingo, sob um sol ardentissimo, realisou-se, no recinto da Avenida D. Amelia, um comicio promovido pelo partido republicano com o fim de protestar contra os roubos feitos pelos nossos politicos no Credito Predial. Todos os oradores foram muito ovacionados, destacando-se, em todo o caso, a manifestação ao sr. dr. Miguel Bombarda que ha pouco se filiou no partido republicano. O povo de Lisboa deu mais uma prova de que sabe fazer justiça e, pela maneira sensata e correcta como se conduziu durante o comicio e depois d'este, revelou que tem direito á liberdade que tantas vezes lhe é recusada.

—Victimado pela tuberculose, acaba de fallecer nesta cidade o nosso amigo sr. Antonio da Costa Jerego, honrado commerciante, estabelecido na rua Vasco da Gama.

O extincto, que contava apenas 26 annos e deixa viuva e um filho de tenra edade, era natural de Casaldoiro (Cartaxo) e irmão do nosso presado amigo sr. Manuel da Costa Jerego a quem acompanhamos na sua profunda e justificada dôr.

O seu funeral realisou se no dia 6, pelas 3 horas da tarde, saindo o prestito funebre, em que se encorporaram mais de 400 pessoas, do hospital de S. José para o alto de S. João.

—Depois d'alguns dias de demora nesta cidade, partiu para Thomar o nosso velho amigo sr. José Marques dos Santos, acompanhado de sua gentilissima sobrinha, a sr.ª D. Benilde Marques Laranjeira.

—Tambem esteve nesta cidade, tendo retirado já para Thomar, o nosso querido amigo sr. Manuel Simões Serralheiro que visitou alguns dos seus amigos, entre os quaes os srs. Baeta Junior, Correia de Mello e quem escreve estas linhas, offerecendo-lhes um explendido almoço em casa do sr. Manuel da Costa Jerego. Entre outros pratos foi servida uma caldeirada «á fragateira», preparada pelo amigo Baeta Junior, e que era de... se morrer por mais.

—Retirou para o Alemtejo a sr.ª Felicidade Marques da Conceição.

—Tambem retirou para S. João de Loure o sr. Julio Nunes Sequeira que esteve aqui alguns dias, a tratar dos seus negocios.

— Tem-se sentido aqui a falta de noticias de S. João de Loure. Muito estimaremos que o illustre correspondente do *Correio do Vouga*, naquella bôa terra, se resolva a retomar o seu logar.

Melicias.

—=—

Azurva, 6

Vindo de Lisboa, chegou aqui, inesperadamente, no dia 2, o nosso amigo e conterraneo sr. Antonio Rodrigues Ferreira a quem cumprimentamos e abraçamos cordealmente.

—A colheita do trigo, por aqui, é relativamente abundante. Ainda hoje se realisou em casa do nosso presado amigo e importante proprietario sr. Manuel Gonçalves da Cruz uma grande «malhadela» que esteve animadissima e a que assistiram, entre outros, os srs. Antonio Rodrigues Ferreira, Francisco Gonçalves da Cruz, Domingos Tavares da Silva e quem escreve estas linhas.

Mais uma vez tivemos occasião de observar que os trabalhos do campo, embora penosos, são ainda os que dispõe melhor o espirito. Como eu invejo a sorte do lavrador! Como elle eu queria passar o tempo, sempre a trabalhar, é certo, mas sem nunca deixar de rir e cantar!—C.

—=—

Agueda, 7

E' no proximo dia 12, terça feira, o julgamento do jornal local *Independencia d'Agueda* contra o qual está instaurado processo por injurias, a requerimento do sr. Joaquim de Mello Pinto Leitão, dignissimo contador do tribunal d'esta comarca. Será advogado de defeza o grande parlamentar sr. dr. Alexandre Braga e de accusação o nosso presado amigo sr. dr. Orlando de Mello Rego, que para esse fim virá expressamente de Lisboa. Entre outras, são testemunhas de defeza os srs. João Chagas, dr. Alfredo de Magalhães, lente da Escola Medica do Porto, e dr. Santos Silva, professor do lyceu Alexandre Herculano.—C.

Por descuido dos srs. typographos, somos obrigados a deixar para o proximo numero a correspondencia d'Alquerubim, do que pedimos desculpa ao seu illustrado eutor.

LISTA DOS SUBSCRIPTORES

Subscripção aberta a favor dos alumnos necessitados das duas escolas officiaes d'esta villa e dos nossos conterraneos extremamente pobres e impossibilitados, por falta de saude, de ganharem os meios de subsistencia.

Transporte . . .	*166$500*
José Rodrigues Laranjeira .	*500*
João das Neves Martins . .	*2$600*
Somma	*169$150*

Todos os nossos conterraneos, que queiram subscrever, podem dirigir-se á Ex.ma Senhora D. Maria Lucia dos Reis e Lima e aos snrs. Dr. Eduardo de Moura, Antonio Simões da Silva e Avelino Dias de Figueiredo, em Eixo; Manoel Dias Saldanha, em Lisbôa, Rua Augusta, n.º 100-1,º; e Dr. Alfredo de Magalhães, no Porto, rua de S. Miguel, n.º 36.

INSTRUCÇÃO PRIMARIA

Rudimentos de Sciencias Naturaes, conformes ao programma de 1902

POR

ALVARO M. MACHADO

Bacharel formado em Philosophia e Medicina pela Universidade e professor effectivo do Lyceu D. Manuel II

E

A. A. FLORES LOUREIRO

Medico cirurgião pela Escola Medica do Porto e professor interino do mesmo lyceu.

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

res do banquete, cambaleando, e perdido de vinho; ou sahindo das infamias monstruosas dos serralhos, o passatempo de Cesar era assistir aos supplicios e á agonia dos que o seu capricho, a sua cubiça, ou as suas suspeitas haviam sentenciado. Os mais barbaros tratos precediam ali a morte, que debalde imploravam as dores e supplicas dos condemnados.

Espojando se no lodo das devassidões, e sangue derramado pelos algozes. Tiberio cessou de matar quando a vida lhe fugiu. De vinte conselheiros, chamados no começo do reinado, dous ou tres escaparam apenas á sua ferocidade. Elle proprio conhecia o horror que inspirava exclamando: — «Detestem-me; mas obedeçam!»

Covarde com os que resistiam, encolhia as garras, e disfarçava, quando o offensor estava longe, e não se submettia. Um dos seus generaes, Getulio, accusado de ter querido casar seu filho com uma das filhas de Sejano, responde a Tiberio: «Se me enganei, tambem tu. Sou fiel e hei-de continuar, se me não perseguirem... Entendamo-nos; governa, mas não toques na minha provincia!»

E Tiberio entendeu, calando-se e soffrendo!

Omnipotente nos logares aonde podia mandar os seus verdugos, fóra d'elles foi obrigado a emudecer e a transigir. Não ignorava, que o primeiro que arvorasse o estandarte da rebelião, reanimando os subditos desalentados, viria bater sem obstaculo ás portas de Roma, e precipital o.

As molas principaes da sua politica eram o medo incutido pela rapidez dos castigos, e a desunião e o espanto geral. Fóra do alcance do seu braço sentia-se sem auctoridade, porque as instituições destemperadas pelo despotismo, não tendo força, não lh'a podiam prestar.

Por isso, viajando na Italia, e recebendo a noticia de que o senado absolvêra alguns cidadãos accusados por ordem sua, viu n'esta decisão um symptoma de perigo eminente, e procurou recolher-se a Capréa; porém a morte não lhe deu tempo, e feriu-o no meio da jornada, em Mizena da Campania, no palacio de Luculo, com vinte e tres annos de governo.

Roma ao principio não o podia crer! Só depois de confirmada a noticia é que o jubilo se manifestou, como se a falta do tyranno, significasse a restauração da liberdade.

E entretanto no meio da alegria geral a sua sombra reinava ainda! Os condemnados pelo ultimo decreto do senado, expirando o praso de dez dias, foram executados, porque o successor de Tiberio, unico revestido do direito de os absolver, não tinha chegado a Roma!

O aspecto do imperio, quando falleceu o filho de Livia, era pouco agradavel. As victorias ganhas nas guerras da Germania deviam-se mais ás discordias dos capitães inimigos, do que ao valor das legiões. Em Africa os numidas disputaram com diversa fortuna a independencia; e succumbindo por fim, podiam citar as derrotas dos contrarios como prova do seu denodo. O oriente mostrava-se inquieto e descontente, insurreições vagas, indicio dos padecimentos profundos da sociedade, assolavam a Cellcia, a Syria e a Judéa. Por outro lado os gaulezes e frisões levantavam-se com impeto, os dacios pegavam em armas, e os parthos occupavam a Armenia.

Eis o estado em que Tiberio entregava o mundo a seu neto Caio Cesar, herdeiro nomeado no seu testamento.

Aos dias de luto e tristeza de um reinado de sangue e de oppressão iam succeder outros peiores. Definindo o caracter do imperador que deixava, o enteado de Augusto tinha adivinhado as futuras desgraças da patria, designando Caligula. *«Acham-se n'elle os vicios de Scylla sem as suas virtudes. E' uma serpente creada por mim para flagello do genero humano!»*

A prophecia cumpriu se. Os votos barbaros do tyranno foram satisfeitos. Os delirios cruentos de Caio Cesar quasi que fizeram parecer branda a preversidade de Tiberio!

Luiz Augusto Rebello da Silva.

Bibliotheca Humoristica

A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (V. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

50 rs.--32 paginas--50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfastiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.º volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeração seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e cem pequenos artigos de critica aos exaggeros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas satanicas», com as quaes V. Lhac castigará todos os typos que representam a tyrannia, a explora: ção, emfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas «A Moral» e a «Litteratura»; de, pois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR..., como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisal-a o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

A venda em todas as livrarias

LIVRARIA CENTRAL
DE
Gomes de Carvalho, editor

158, Rua da Prata, 160—LISBOA

MALVERT

SCIENCIA E RELIGIÃO

Traduzida da 3.ª edição franceza por

HELIODORO SALGADO

Esta obra é um ensaio de vulgarisação, em fórma clara e attrahente, dos dados positivos fornecidos pela sciencia moderna sobre a genése e cohesão das religiões especialmente da chistã, projectando uma lua nova sobre problemas a que nenhum homem intelligente, seja qual fôr a sua opinião e a sua creança, poderá ficar indifferente.

1 volume com 156 gravuras

Preço 500 réis

LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

MANUSCRIPTO

DAS

ESCOLAS PRIMARIAS

(Illustrado)

por Angelo Vidal

Cuidadosamente organisado, contendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 reis

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.ª e 5.ª classes, por Angelo Vidal.

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Para festas das creanças

Puerilidades

por *Angelo Vidal*

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 reis Encadernado 350

PORTUGAL NA CRUZ

Versos de BERNARDO PASSOS

Edição da *Livraria Central*, de Gomes de Carvalho—158, Rua da Prata, 160, LISBOA.

GRAMMATICA ELEMENTAR

DA

LINGUA PORTUGUEZA

PARA

USO DOS ALUMNOS

D'INSTRUCÇÃO PRIMARIA

Elaborada segundo os actuaes programmas

POR

ALBANO DE SOUZA

3. EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Teem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 réis

PROGRAMMAS D'INSTRUCÇÃO PRIMARIA—Com modelos para requerimentos de exames de nstrucção primaria. BROCHADO 60 REIS.

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.ª 2.ª e 3.ª classes de Instruccão Primaria, por A M. F.

3.ª edição. . . 100 reis

ANGELO VIDAL

A B C ILLUSTRADO

A' venda em todas as livrarias.

Manuscripto das Escolas Primarias

POR

Angelo Vidal

Edição da *Livraria Fernandes*

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O *Manuscrpto das Escolas Prmarias*—contem exercicios graduados e variadissimos de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes acommodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se póde dizer, como alguem disse do mallogrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte

Depois, o preço é tão modico, 120 reis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da *Vitalidade* de 17 d'outubro, 1908).

A FAMILIA MALDONADO

POR

VIEIRA DA COSTA

E

OS TRISTES

POR

FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho--- Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.

A B C

ILLUSTRADO

POR

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

2.ª edição—Brochado 60—Cart. 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos.

A acceitação que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo: — Collecção de 12 quadros em papel, 306 reis. Collecção de 12 quadros collados em cartão 2$300 reis.

LÉON TOLSTOI

A Clero. A destruição do inferno e a sua restauração. Traduzido por Mayer Garção. 1 vol. 200.

O que é a religião? Traducção de Heliodoro Salgado. 1 vol. 200

Pão para a bocca. Origem do mal. Traducção de Affonso Gayo. 1 vol. 100.

Razão, fé, oração. Tres cartas traduzidas por Marianna Carvalhaes. 1 vol. 100.

(O Bom senso do) A Razão dum Padre. Traducção de M., com uma noticia de França Borges. 1 vol., 500.

Atravez das edades. Poemete offerecido ás piedosas reflexões do sr. Arcebispo de Evora, por Heliodoro Salgado. 1 vol., 200.

O Seculo e o Clero, por João Bonança 2.ª edição. 1 vol., 300

A mentira religiosa, por Max Nordau. Traducção de Affonso Gayo. 1 vol., 100

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administração:
R. de S. Miguel, 36--PORTO

ASSIGNATURA
(Pagamento adiantado)

Portugal—anno	1$200
» —semestre	600
Africa —anno	1$500
Brazil —anno—(moeda forte) .	2$200

PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha. .	10 reis
Communicados, cada linha. .	20 »

Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

3.º ANNO—N.º 29

CORREIO DO VOUGA
(EIXO)
Redacção e Administração—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Exm.º Snr.